LAUDATO SI': UMA BREVE PROPOSTA DE SISTEMATIZAÇÃO

Breno Herrera da Silva Coelho*
Rio de Janeiro – RJ

Resumo

A Encíclica *Laudato Si'* marca um posicionamento afirmativo da Igreja acerca das questões socioambientais que influenciam o mundo contemporâneo, convidando o leitor à reflexão dos problemas ecológicos que a sociedade enfrenta. Dada a complexidade dos temas tratados, o presente artigo se propõe a apresentar uma breve sistematização da Encíclica, a partir de algumas categorias conceituais estruturantes do texto: espiritualidade franciscana, envolvimento ecumênico, crítica ao capitalismo predatório e ênfase na responsabilidade humana. Integrados, tais conceitos estruturantes oferecem fundamentos para reflexão, que evidenciam a necessidade e nos impelem, individual e comunitariamente, à conversão ecológica.

Palavras-chave: *Laudato Si'*, Ecologia Integral, Ecoteologia.

* Breno Herrera da Silva Coelho é ecólogo, com doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (UFRJ). Professor do Instituto Teológico Franciscano – ITF. Coordenador de Educação Ambiental do Parque Nacional da Serra dos Órgãos. Analista ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio. Leigo consagrado na Comunidade dos Manos da Terna Solidão – Matersol.

LAUDATO SI': OBJETO DE ESTUDO

O presente artigo é fruto das pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no Instituto Teológico Franciscano – ITF, no âmbito do Grupo de Estudos em Ecoteologia. Este Grupo foi formado como desdobramento da Semana Teológica realizada em 2015 no Instituto, intitulada “Ecoteologia: o cuidado de nossa casa comum à luz da *Laudato Si'*”. Com composição interdisciplinar, o Grupo de Estudos congrega religiosos franciscanos (professores do Instituto e graduandos em Teologia) e leigos de variadas formações (ecologia, antropologia, biologia, geografia e medicina) empenhados no desafio de conjugar reflexões teológicas e aportes científicos no entendimento e enfrentamento das complexas questões socioambientais que afligem a humanidade no mundo contemporâneo.

Trata-se de uma proposta de sistematização da Encíclica *Laudato Si'*, primeira do gênero na história bimilenar da Igreja a voltar-se especificamente à Ecologia. Transpondo a dimensão teológica, a Encíclica contém vasto lastreamento científico, tanto das ciências naturais, quanto das ciências sociais, assumindo a necessidade de tal diálogo de saberes para a correta compreensão das questões socioambientais. Neste sentido, o reconhecimento da sociedade científica à contribuição que a Encíclica oferece ao debate ecológico se deu desde logo após sua publicação (Elizalde, 2015).

Considerando a amplitude, a variedade e a profundidade dos temas abordados pelo Papa na redação deste documento pontifício, percebeu-se a necessidade de proceder a uma sistematização da Encíclica, de modo a facilitar a teólogos, estudantes e demais interessados no tema uma primeira aproximação ao texto.

Nesta sistematização, foram elencados quatro elementos ou perspectivas centrais que perpassam a Encíclica, conferindo concatenamento e integridade ao documento: espiritualidade franciscana, envolvimento ecumênico, crítica ao capitalismo predatório e ênfase na responsabilidade humana. As seções seguintes detalham particularmente tais perspectivas.

ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA

Assim que foi designado para a cátedra petrina, o bispo argentino Jorge Mario Bergoglio adotou Francisco como nome pontifício, uma de muitas novidades que seu ministério papal apresenta – o primeiro

Papa jesuíta, o primeiro Papa latino-americano, o primeiro Papa a assumir o nome do santo de Assis. A escolha deste nome traz consigo um carisma e uma visão de mundo.

Francisco de Assis é amplamente reconhecido e admirado – mesmo fora do ambiente católico e até além da esfera cristã – como o santo padroeiro dos animais e da Ecologia. Nesta associação leiga da figura de são Francisco com o mundo natural prevalece, entretanto, uma visão romântica e idealizada, induzida por livros, lendas, filmes e, mais recentemente, publicações virtuais. Prevalece a imagem bucólica de Francisco rodeado por pássaros e integrado à natureza, ao tempo que se olvida sua relação com a pobreza e a miséria humana.

O Papa Francisco, contudo, não se resume a tal leitura simplista e romantizada do santo homônimo, conforme se lê logo nas primeiras páginas da *Laudato Si'*:

Acho que Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. É o santo padroeiro de todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, amado também por muitos que não são cristãos. Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. (...) *Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior* (LS 10).

Está bem ciente o Papa que, se por um lado, conforme registraram os hagiógrafos, Francisco de Assis era aquele que pregava aos passarinhos, que acalmava as feras, como o lobo de Gubbio, que solicitava aos confrades responsáveis pela manutenção das hortas conventuais a manutenção de um espaço reservado ao livre crescimento das ervas daninhas – nelas reconhecendo o direito sagrado à existência, a despeito de sua aparente inutilidade direta ao uso humano –, por outro lado, era também, fundamentalmente, aquele que beijava o leproso e que buscava avidamente a proximidade e a assistência aos homens e mulheres em situação de pobreza e desalento.

Ao buscar inspiração espiritual para o entendimento cristão acerca da Ecologia na figura de são Francisco, reconhecendo nele a relação indissociável entre proteção ambiental, justiça social e paz interior, o Papa consolida o conceito de *Ecologia Integral*, através do qual a questão ecológica não pode ser resumida à sua dimensão biológica ou

natural, mas, ao contrário, deve ser ampliada de modo a assimilar e se correlacionar com as dimensões humana (aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos) e espiritual (abertura ao numinoso). Para além da cisão moderna entre natureza e sociedade, o conceito de Ecologia Integral convida à compreensão da unicidade do mundo criado, configurado como uma trama de inter-relações que envolve a diversidade da vida e a plenitude da história. No âmbito da Ecologia Integral, há de se ouvir tanto o grito da Terra, quanto o grito dos pobres (Boff, 1995)¹.

Outro aspecto fundamental do entendimento acerca da unicidade da vida refere-se à ideia de *fraternidade universal*, presente de modo indelével na espiritualidade franciscana. Avocando o carisma franciscano, afirma o Papa Francisco:

Se nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente sem esta abertura para a admiração e o encanto, se deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo, então as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos. Pelo contrário, *se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solicitude* (LS, 11).

Tal sentimento de união com “tudo que existe” é plasmado na concepção franciscana de fraternidade (i.e., irmandade) universal. Cantava o *poverello* sua relação fraternal com tudo e com todos, ao chamar o sol de irmão, a lua e a água de irmãs, a Terra de irmã e mãe. Uma só família universal, criada a partir da mesma fonte divina. Todos e todas filhos e filhas do mesmo Pai. Ao reconhecermos tais laços de irmandade com todos os seres da Criação, somos impelidos a uma ética de cuidado e não dominação, tal qual nos comportamos – ou deveríamos nos comportar – com membros de nossa própria família. Segue o parágrafo supracitado da Encíclica:

A pobreza e a austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de mais radical:

1. De acordo com os filósofos Sean Esbjörn-Hargens e Michael Zimmerman (2009), o primeiro emprego do termo “Ecologia Integral” em toda a literatura especializada internacional se deve ao teólogo brasileiro Leonardo Boff, em seu livro “Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres” (Boff, 1995). Consoante tal afirmação, considera-se amplamente nos círculos teológicos franciscanos que a notável produção acadêmica e literária de Boff no campo da Ecologia influenciou significativamente o Papa na redação da Encíclica *Laudato Si'*.

uma renúncia a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio (LS, 11).

A intuição mística de são Francisco sobre a fraternidade universal, enaltecida na carta encíclica, encontra amplo respaldo na mais moderna ciência evolucionista. Biólogos evolucionistas reconhecem atualmente a existência de uma origem comum a todos os seres vivos que habitam ou habitaram o planeta. Todos derivam do mesmo ancestral comum, alcunhado como LUCA (do acrônimo em inglês Last Universal Common Ancestor). Uma forma primitiva de vida, unicelular, surgida há cerca de 3,5 bilhões de anos, que seria o ancestral evolutivo de todas as demais formas de vida (microorganismos, animais, plantas e fungos). Ou seja, todos os seres vivos compartilhariam a mesma origem; todos compõem a mesma “família” biológica – irmãos entre si. A intuição franciscana elaborada há oito séculos, antes mesmo do desenvolvimento do método científico moderno, sendo cotejada pela ciência contemporânea.

Ainda em relação à espiritualidade franciscana como perspectiva central da *Laudato Si'*, nota-se a influência da ideia de *minoridade*, tão cara a são Francisco e aos franciscanos. A respeito disso, ensina o Papa:

A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco. É um regresso à simplicidade que nos permite parar a saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos. Isto exige evitar a dinâmica do domínio e da mera acumulação de prazeres (LS, 222).

Consumismo e hedonismo são elementos marcantes da sociedade hodierna, caracterizada pela fluidez de princípios e valores, bem como pela busca de satisfação imediata de prazeres (Bauman, 2001). Por outro lado, a ética minorítica franciscana – ancorada, fundamentalmente, na própria raiz evangélica da fé e da moral cristã – convida à sobriedade, ou, nas palavras de Bergoglio a “se alegrar com pouco”. Na linguagem popular: “menos é mais”. Quanto menos são ambicionados bens materiais, maior a liberdade pessoal em se contentar com a simplicidade de uma vida austera. A “verdadeira alegria” franciscana ressoa no mundo de hoje como um chamamento não meramente moral ou existencial, mas também profundamente ecológico. Consumir menos, depender menos da extração de matérias-primas da natureza, reutilizar ou reciclar produtos – o tão propalado, mas nem tanto aplicado, “consumo

consciente” –, encontra ressonância na espiritualidade franciscana e no Evangelho (cf. Mt 6,25-34).

ENVOLVIMENTO ECUMÊNICO

Está na essência da missão da Igreja Católica sua universalidade (catolicidade). Desde os primórdios da Igreja, à medida que movimento cristão transbordava a Palestina e se disseminava pelo mundo helênico circundante, foi se consolidando a ideia que a Boa Nova de Jesus deveria ser apresentada a todos os povos e culturas que coabitam a Terra. Não seria uma exclusividade do povo da primeira Aliança, mas sim algo a ser anunciado e vivenciado por toda a grande família humana.

Analogamente, o movimento ambientalista contemporâneo, desenvolvido majoritariamente a partir da década de sessenta do século passado, cedo notou que a questão ecológica não poderia se restringir a nenhum povo ou nação em particular. Dois aspectos socioculturais daquela época reforçavam tal percepção. Por um lado, as primeiras imagens espaciais obtidas do planeta, evidenciando a singularidade e a aparente fragilidade do pequeno “pálido ponto azul” vagando no espaço, sobre o qual todos vivemos e do qual todos dependemos, evidenciou na consciência visual – e existencial – da humanidade a inexorável unicidade planetária. Para além das diferenças culturais e dos arbitrários limites político-administrativos que nos separam, estamos todos no “mesmo barco”. Por outro lado, o apogeu da guerra fria e a ameaça global de uma guerra nuclear traziam também o receio de um desfecho trágico a toda humanidade, que poderia ser indistintamente reduzida a pó caso os líderes mundiais acionassem seus botões vermelhos. Por um lado, a percepção da unidade; por outro, o risco da extinção global.

Neste sentido, de forma alguma a Igreja foge de sua missão ao debruçar-se sobre a questão ecológica. Trata-se, na verdade, de uma decorrência inescapável de sua catolicidade, frente aos impactos ambientais que afligem toda a humanidade contemporânea. Mais ainda, ao considerarmos a diversidade religiosa hodierna, bem como o crescente número de pessoas desvinculadas de tradições religiosas, a questão ambiental se configura como desafio que envolve as diferentes denominações religiosas que coexistem na Terra, não se resumindo, dessa forma, a preocupação exclusiva de nenhuma confissão de fé particular. A questão ecológica é uma questão ecumênica.

Francisco reconhece a contribuição das diversas religiões neste urgente debate:

não podemos ignorar que, também fora da Igreja Católica, noutras Igrejas e Comunidades Cristãs – bem como noutras religiões – se tem desenvolvido uma profunda preocupação e uma reflexão valiosa sobre estes temas que a todos nos são muito caros (LS 7).

E lança um chamamento ecumênico ao envolvimento de todos e todas que coabitam a mesma Casa Comum:

Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o futuro do planeta. Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental que vivemos e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impactos sobre todos nós. (...) Precisamos de nova solidariedade universal. (...) Todos podemos colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação, cada um a partir de sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades (LS 14).

Um dos principais símbolos visuais relacionados ao ecumenismo é uma barca, sobre a qual a Cruz navega, convidando ao embarque dos homens e mulheres de boa vontade. Em chave ecológica a barca, na qual todos navegamos, seria o planeta Terra, nossa Casa Comum.

CRÍTICA AO CAPITALISMO PREDATÓRIO

O sociólogo franco-brasileiro Michel Löwy afirma taxativamente que: “nenhum Papa foi tão longe na condenação ao capitalismo como Francisco” (Löwy, 2010). De fato, a Encíclica *Laudato Si'* denuncia de modo enfático os prejuízos socioambientais decorrentes do modo de produção e consumo capitalista, hegemônico na atualidade. Embora Francisco opte por não empregar explicitamente o termo “capitalismo” na *Laudato Si'*, sua análise crítica se dirige a este modo de produção e consumo como determinante na atual crise ecológica². Dois aspectos centrais do capitalismo contemporâneo – a financeirização

2. Em discurso dirigido a representantes de movimentos sociais reunidos na Bolívia, em julho de 2015 – ou seja, apenas poucos meses após a publicação da Encíclica (ocorrida em 24 de maio) –, Francisco assume um tom mais explicitamente anticapitalista, na denúncia dos males ocasionados à humanidade pela centralidade social conferida ao dinheiro (capital), reverberando e atualizando – quase dois anos depois – a incisiva exortação patrística de Basílio de Cesareia: “Está-se a castigar a terra, os povos e as pessoas de forma quase selvagem. E por trás de tanto sofrimento, tanta morte e destruição, sente-se o cheiro daquilo que Basílio de Cesareia chamava “o esterco do diabo”: reina a ambição desenfreada do dinheiro” (Francisco, 2015b).

e o tecnocentrismo – são explicitamente denunciados por Francisco, como geradores de desequilíbrio socioambiental. Vejamos:

a proteção ambiental não pode ser assegurada somente com base no cálculo financeiro de custos e benefícios. O ambiente é um dos bens que os mecanismos de mercado não estão aptos a defender ou a promover adequadamente. (...) Dentro do esquema do ganho não há lugar para pensar nos ritmos da natureza, nos seus tempos de degradação e regeneração, e na complexidade dos ecossistemas que podem ser gravemente alterados pela intervenção humana (LS 190).

Há forte tendência, capitaneada pelo setor corporativo transnacional e influenciada por economistas neoliberais, em associar a crise ambiental a um problema de mercado. Segundo tal percepção, caso os bens e serviços transacionados pela economia incorporassem em seus preços os custos ocultos da degradação ambiental gerados por sua produção, circulação, consumo e disposição final, o próprio mercado se regularia em relação aos impactos ambientais negativos gerados pela atividade econômica. Bolsas de valores em alguns países afluentes já negociam “ativos verdes”, dando origem a um mercado internacional de poluição: uma indústria europeia pode continuar emitindo gases de efeito estufa caso invista em ações ambientais na América Latina. Ou seja, o prioritário não seria reduzir a poluição, mas compensar financeiramente a degradação ambiental. A mão invisível do mercado, desde que os custos ambientais sejam devidamente internalizados nos preços, daria conta de reestabelecer o equilíbrio ecológico perdido.

Trata-se de uma ideia bastante confortável ao sistema financeiro, vez que apresenta como solução da crise ecológica não uma redução da voracidade dos mercados, mas, ao contrário, um aumento da financeirização da natureza. É o que o economista político catalão Joan Martinez Alier critica como o “evangelho da ecoeficiência” (Alier, 2007).

Francisco denuncia a perversidade desta linha de argumentação, ao afirmar claramente que “o ambiente é um dos bens que os mecanismos de mercado não estão aptos a defender ou a promover adequadamente”. E por que é esta não é uma solução adequada? Porque, conforme elucida Francisco, há uma assimetria inexorável entre o ritmo da economia capitalista e os ritmos da natureza. Na lógica financeira do ganho imediato, do lucro a curto prazo – dinâmica esta indispensável para o funcionamento da economia capitalista neoliberal – não

há tempo para se respeitar os ciclos biogeoquímicos da Terra. É uma economia superacelerada, na qual se planeja e se opera a atividade econômica considerando prazos de meses ou poucos anos à frente – além disso, entra-se no domínio da imprevisibilidade econômica, para o qual o mercado financeiro não dispõe de elementos gerenciais. Por outro lado, os ciclos naturais muitas vezes requerem décadas ou séculos para sua devida circularidade ou regeneração (se considerarmos, por exemplo, os ciclos do carbono, tal lapso temporal situa-se na escala de milhões de anos!).

Outra marca indelével do capitalismo predatório neoliberal é a centralidade assumida pela tecnologia, como solução prioritária para os problemas da humanidade. Um tecnocentrismo que domina o pensamento econômico e submete as decisões políticas. Esta ideia é também denunciada na Encíclica:

A política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia. (...) A produção não é sempre racional, e muitas vezes está ligada a variáveis econômicas que atribuem aos produtos um valor que não corresponde ao seu valor real (LS 189).

Por trás de uma suposta racionalidade econômica alicerçada na eficiência tecnológica escondem-se muitas vezes mecanismos de especulação financeira e dominação monopolista de mercados. Na prática, a formação de preços e a circulação de produtos responde a interesses escusos de corporações ou países, por meio dos quais a preocupação ambiental e o respeito à dignidade humana são secundarizados em nome da dominação econômica, sob o verniz conveniente de uma suposta neutralidade tecnológica. A proteção ambiental fica refém da tecnocracia. O cuidado com a natureza fica nas mãos dos operadores de mercado.

Reconhecendo tais mecanismos de manipulação e dominação econômica, Francisco preocupa-se em identificar quais deveriam ser os legítimos protagonistas na proteção e gestão ambiental dos territórios naturais.

É indispensável prestar uma atenção especial às comunidades aborígenes (i.e., comunidades tradicionais) com as suas tradições culturais. Não são apenas uma minoria entre outras, mas devem tornar-se os principais interlocutores, especialmente quando se avança com grandes projetos que afetam

os seus espaços. Com efeito, para eles, a terra não é um bem econômico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam de interagir para manter a sua identidade e os seus valores. *Eles, quando permanecem nos seus territórios, são quem melhor os cuida.* Em várias partes do mundo, porém, são objeto de pressões para que abandonem suas terras e as deixem livres para projetos extrativos e agropecuários que não prestam atenção à degradação da natureza e da cultura (LS 146).

O pontífice reconhece, afinado ao princípio da opção preferencial pelos pobres, que os povos e comunidades que habitam há muitas gerações áreas naturais merecem assumir o protagonismo na conservação destes ambientes³. Há uma relação orgânica destes povos com a terra sobre a qual vivem. Decorrem desta relação orgânica vínculos culturais e espirituais. A terra não é vista por eles exclusivamente sob o prisma econômico. Ao contrário, é um espaço vital de convivência e reverência.

Havemos muito a aprender com estes povos e comunidades, que há séculos zelam pela proteção de suas terras. Quem sabe com eles, em diálogo franco e fraterno, possamos aos poucos corrigir nossa visão e nossa ação deturpada, vez que meramente utilitária, sobre a Criação.

ÊNFASE NA RESPONSABILIDADE HUMANA

Como desdobramento do movimento ambientalista surgiu uma corrente de pensamento e militância que radicalizou a crítica à humanidade como responsável pela degradação ambiental que o planeta atravessa. Conhecida como *deep ecology*, preservacionismo ou “culto à vida silvestre” (Alier, *op. cit*) os adeptos dessa corrente consideram inviável a convivência harmoniosa do ser humano com a natureza, assumindo, dessa forma, postura marcadamente misantrópica. No limite, segundo essa crença, para se alcançar a plena preservação da biodiversidade, a espécie humana haveria de ser extinta ou drasticamente

3. No mesmo encontro em solo boliviano, referido na nota anterior, Francisco enfatizou aos representantes dos movimentos sociais sua exortação a que assumam o protagonismo em seus próprios processos de libertação da opressão econômica a que estão submetidos: “Vós, os mais humildes, os explorados, os pobres e excluídos podeis e fazeis muito. Atrevo-me a dizer que o futuro da humanidade está, em grande medida, nas vossas mãos, na vossa capacidade de vos organizar e promover alternativas criativas na busca diária dos ‘3 T’ (trabalho, teto, terra), e também na vossa *participação como protagonistas* nos grandes processos de mudanças nacionais, regionais e mundiais” (*idem*).

reduzida em termos demográficos; só assim animais e plantas prosperariam em harmonia.

Muitos adeptos dessa corrente associam a influência da cultura judaico-cristã como desastrosa em termos ecológicos. Defendem que, a partir da interpretação bíblica do versículo 26 do livro de Gênesis⁴, as nações e impérios que se sucederam com base nesta tradição comportaram-se como que autorizados ou estimulados por Deus para tratar todos demais seres do mundo natural como elementos a serem dominados e espoliados.

Faltou a tais preservacionistas misantrópicos, entretanto, antes de acusar as Escrituras de tal negativa influência, seguir um pouco na leitura e alcançar o segundo capítulo do mesmo livro, onde se lê: “O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden, *para o cultivar e guardar*” (Gn 2,15). A correta interpretação do texto bíblico, iluminada pelas duas passagens citadas, indica que o “domínio” da Terra a ser desempenhado pelo ser humano não se trata de exploração e de degradação, mas sim de administração responsável. Nesta toada, explica o Papa:

Uma apresentação inadequada da antropologia cristã acabou por promover uma concepção errada da relação do ser humano com o mundo. Muitas vezes foi transmitido um sonho prometeico de domínio sobre o mundo, que provocou a impressão de que o cuidado da natureza fosse atividade de fracos. Mas *a interpretação correta do conceito de ser humano como senhor do universo é entendê-lo no sentido de administrador responsável* (LS 116).

Adiante, Francisco aprofunda a exposição dos equívocos da misantropia preservacionista, condenando o “biocentrismo” – crença apreendida pelos adeptos da *deep ecology*:

Não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia. (...) *Um antropocentrismo desordenado não deve necessariamente ser substituído por um “biocentrismo”,* porque isto implicaria introduzir um novo desequilíbrio que não só não resolverá os problemas existentes, mas acrescentará outros.

4. Deus disse: “Façamos o ser humano à nossa imagem e segundo nossa semelhança, para que *domine* sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todos os animais selvagens e todos os animais que se movem pelo chão” (Gn 1,26).

Não se pode exigir do ser humano um compromisso para com o mundo, se ao mesmo tempo não se reconhecem e valorizam as suas peculiares capacidades de conhecimento, vontade, liberdade e responsabilidade (LS 118).

Se por um lado não há dúvidas sobre a necessidade de uma *conversão ecológica* (rumo ao “ser humano novo”) que nos inspire a todos a melhor nos relacionarmos com a Criação, abdicando dos impulsos de dominação exploratória, por outro lado, é a própria espécie humana que, a partir de suas notáveis faculdades cognitivas e sensíveis, poderá corrigir seu rumo e promover a regeneração do que vem sendo degradado. Ou seja, o *antropocentrismo desordenado* não deve ser substituído por uma espécie de *biocentrismo*, mas sim por uma maior ênfase na responsabilidade humana.

Muitas vezes, se esconde no discurso biocêntrico uma fuga psíquica ao relacionamento com os demais seres humanos, à abertura ao próximo; no limite à abertura ao sumo Transcendente, Deus. Descrente na humanidade e no futuro, o preservacionista misantrópico se refugia em seu isolamento egoico, sonhando com um mundo sem seres humanos, onde possa, sozinho, gozar de belezas naturais intocadas e pristinas.

não se pode propor uma relação com o ambiente, prescindindo da relação com as outras pessoas e com Deus. Seria um individualismo romântico disfarçado de beleza ecológica e um confinamento asfíxiante na imanência (LS 119).

LAUDATO SI': CHAMAMENTO À AÇÃO

A sistematização aqui proposta para o estudo da Encíclica *Laudato Si'* não é, nem de longe, suficiente para a compreensão e reflexão dos temas elaborados por Francisco. Espera-se que a identificação e a exposição de alguns eixos estruturantes aqui elencados (espiritualidade franciscana, envolvimento ecumênico, crítica ao capitalismo predatório e ênfase na responsabilidade humana), que perpassam e orientam o documento papal, possam facilitar o estudo e estimular o pesquisador ou estudante interessado para a leitura completa da Carta Encíclica, bem como de várias outras propostas de interpretação ou sistematização do documento que, felizmente, vêm surgindo desde sua publicação.

Francisco nos convoca à interpretação dos sinais do tempo presente, marcado pela crise socioambiental que ameaça a própria sobrevivência

do ser humano na Terra, e nos impele à ação. Não há muito a esperar, a convocação de Francisco é enfática e urgente. Possamos nós atender decisivamente a este chamado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIER, J. M. **O ecologismo dos pobres**. São Paulo: Contexto, 2007.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOFF, L. **Ecologia grito da Terra, grito dos pobres**: dignidade e direitos da Mãe Terra. Petrópolis: Vozes, 1995.

ELIZALDE, A. Grito de la Tierra, grito de los pobres, la propuesta ética de Francisco: una recuperación de los aportes latinoamericanos a la construcción de nuestra Casa Común. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, p. 121-146, vol. 35, 2015. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/made/article/view/43542>>

ESBJÖRN-HARGENS, S.; ZIMMERMAN, M. **Integral ecology**: uniting multiples perspectives on the natural world. Massachusetts: Integral Books, 2009.

FRANCISCO. **Laudato Si'**: sobre o cuidado da Casa Comum, 2015a. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>

FRANCISCO. Discurso do Santo Padre. II Encontro Mundial de Movimentos Populares, 2015b. Disponível em <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html>

LOWY, M. Nenhum Papa foi tão longe na condenação ao capitalismo como Francisco. IHU: 28 jun. 2016. Entrevista concedida a Cesar Sanson. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/556989-nenhum-papa-foi-tao-longe-na-condenacao-ao-capitalismo-como-francisco>>

THEOBALD, D. A formal test of the theory of universal common ancestry. **Nature**, v. 465, n. 7295, p. 219–22, maio 2010.